

CRÍTICA TEATRO | ADORÁVEL TRAPALHÃO - O MUSICAL

POR CLÁUDIO HANDREY, ESPECIAL PARA O CORREIO DA MANHÃ



Melina Knolow/Divulgação

A encenação de José Possi Neto em 'Adorável Trapalhão' flutua sem tropeços

O resgate da inocência

N uma idealização do ator Rafael Aragão, a montagem impecável, dirigida por Guilherme Logullo e

Ciro Sales, sustenta um arsenal de talentos. O texto de Marília Toledo utiliza a memória, realça a trajetória de um ícone do humor no nosso audiovisual, o ator/palhaço Rena-

to Aragão, insere personagens em épocas diferentes, folgando a cronologia, institui que atores possam narrar e representar concomitantemente, revelando o jogo teatral. A narrativa passeia pelo o início da carreira artística, a mudança do Ceará para o Rio, passagens pelas TVs Excelsior, Record, Tupi e Globo, numa costura afetiva, divertida, desvelando a inocência de outrora.

A encenação de José Possi Neto é destaque para que o espetáculo flua sem tropeço. Tudo funciona poderosamente. O diretor equaliza seu elenco, impõe uma plasticidade fora da curva – como sempre – armando para que todos os elementos possam dialogar e unificarem-se. Salienta o universo ingênuo do homenageado, aparentando que estamos diante de uma tela, mas com

extrema teatralidade. Vale ressaltar que só os mestres da cena alcançam uma homogeneidade em suas obras. É como estar diante de um Caravaggio, em que movimento e beleza denunciam a vida.

Rafael abrilhanta-se durante todo o tempo, com timbre, corporeidade e timing perfeitos que assemelham-se ao notabilizado – que participa ao final, além de um carisma que impressiona, características pelas quais atribuem ao ator um estado profissional de primeiro time. Outros destaques são o Zacarias de Vicenteh Delgado, que imprime peculiaridades do original; e Miguel Venerabile, que vive Renato na infância, com graciosidade, além de voz afinada. Thadeu Torres e Rupa Figueira – com ótima voz, ajustam-se com talento ao quarteto. Alvi-

nho de Pádua, Arízio Magalhães, Bernardo Marcelino, Bruno Kimura, Bruno Ospedal, João Cortins, Larissa Travassos, Letícia Mamede, Lucas Bocalon, Marcelo Góes, Mari Marques, Paulão do Vraah – com performance marcante, Vitor Veiga e Yasmin Calbo completam o elenco da melhor qualidade.

A cenografia de Marco Lima emoldura a caixa cênica com estrutura branca, pernas que surgem do urdimento simbolizando o circo, dinamiza com construções que remetem-nos aos programas de TV, telões para situar a história, além de uma rotunda branca, facilitando a exploração inventiva, pela qual Wagner Freire enche o palco de magia. Numa indumentária colorida, em sintonia ao contexto, Theodoro Cochrane adiciona humor com figurinos exuberantes. Alonso Barros cria suas coreografias nas quais tudo parece ser único, tamanha a afinação. Anderson Bueno compreende a proposta e acerta no visagismo.

“Adorável Trapalhão – O Musical” carrega em poesia e resgata uma inocência que as transformações, das quais não podemos escapar endurecem-nos, até perdermos a sensação de que a vida pode ser leve. Corram ao teatro para obterem o gosto da delicadeza!

SERVIÇO

ADORÁVEL TRAPALHÃO

Teatro Sesc Ginástico (Rua Araújo Porto Alegre, 70) Até 19/4, qui e sex (19h) sáb e dom (17h) | R\$ 60, R\$ 30 (meia), R\$ 15 (associado Sesc) e grátis (PCG)

NA TRIBALTA

POR AFFONSO NUNES



Divulgação

Cearenses cheios de graça

Após a pausa do carnaval, o Qualistage volta a receber a 3ª edição do Humor Contra-Ataca. A atração deste fim de semana, no sábado (7), Tom Cavalcante. Humorista, ator, imitador e apresentador, o comediante cearense tem tudo para arrancar risadas e risadas do público. Abrindo a noite, Jardeson Cavalcante, conhecido nacionalmente como Titela do Ceará, traz ao palco mais de duas décadas de estrada. Em seu espetáculo “Aí Dentu”, revisita sua trajetória, misturando memórias pessoais, bastidores e encontros que transformaram sua carreira.



Valéria Martins/Divulgação

Vítima da Inquisição

O “Filipa”, com Waleska Arêas, recria o julgamento de Filipa de Sousa (1556–1600), portuguesa condenada em 1592 pela Inquisição na Bahia por amar outras mulheres. Viúva e alfabetizada, foi humilhada, açoitada e degredada. Considerada uma das primeiras vítimas de homofobia no Brasil e ícone do movimento LGBTQIAPN+, seu caso é o primeiro registro de perseguição por lesbianismo pelo Santo Ofício em terras brasileiras. Texto de Gabriela Amaral e direção de Maria Clara Guim. No Teatro Glaucio Gill até o dia 27.



Tati Mota/Divulgação

Suassuna revisitado

O Grupo Maria Cutia, de Belo Horizonte, estreia no Rio sua leitura para o “Auto da Compadecida”, clássico de Ariano Suassuna, em montagem que celebra os 20 anos da companhia. Com concepção e direção de Gabriel Villega, responsável também pelo cenário e figurinos, o espetáculo traz as aventuras de Chicó e João Grilo em diálogo com o Brasil contemporâneo. O elenco inclui Leonardo Rocha, Hugo da Silva e Mariana Arruda. O repertório musical reúne clássicos de Caetano Veloso, Maria Bethânia, Sergio Sampaio e Zeca Baleiro.